

abraham palatnik

yer, mover

galeria

nara roesler

Capa:

**Sem título**, 2017

relevo, tinta alquídica sobre acrílico

70 x 60 x 4 cm

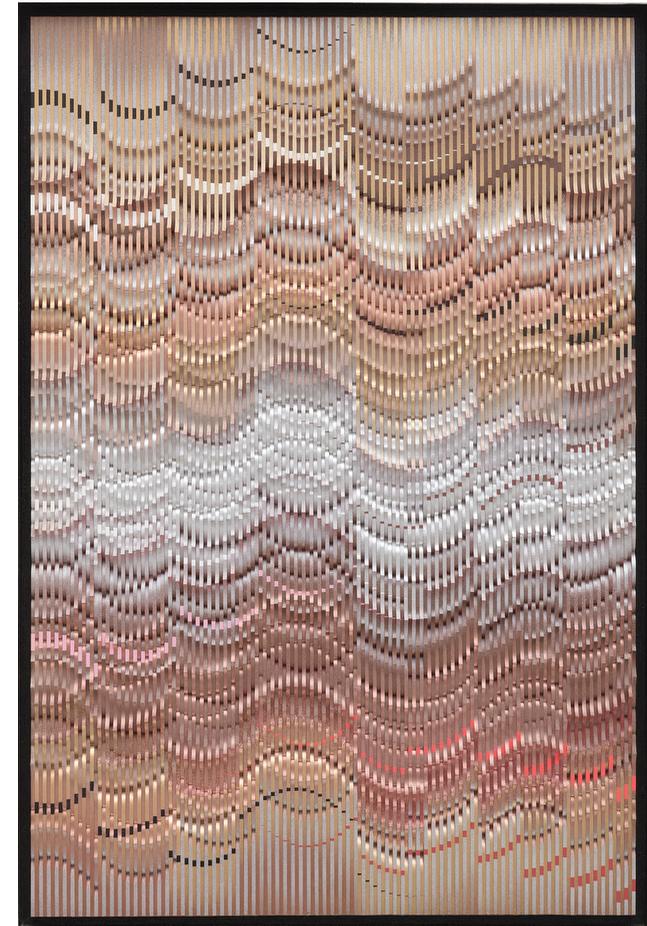
A obra de **Abraham Palatnik**, pioneiro da arte cinética no Brasil, passou por notáveis transformações, sobretudo, relativas aos materiais, à técnica e mesmo ao entendimento do artista sobre a pintura. A máquina, por exemplo, tão presente em seus primeiros aparelhos cinecromáticos, não aparece mais com tanta frequência. Essas diferenças, porém, não denotam uma descontinuidade da obra: a unidade que permeia todos os trabalhos do artista está em sua inquietação diante do movimento.

O cinetismo, assim, é objeto constante de reflexão de Palatnik, mas possui algumas especificidades, a depender da técnica e do material utilizados por ele em seus trabalhos. Tais distinções proporcionam ritmos visuais variados, que exigem um olhar atento do espectador. Como ressalta o curador da mostra Luiz Camillo Osorio, em Palatnik, o exercício intelectual se une ao prazer estético.

*Abraham Palatnik: Ver, Mover* traz experimentações de Palatnik com cartão, suas progressões em poliéster e seus trabalhos mais recentes de seriação óptico-cinética. Nesse olhar, como aponta o curador da mostra Luiz Camillo Osório, o exercício intelectual se une ao prazer estético.



*Sem Título*, 2016  
relevo, tinta alquídica sobre acrílico  
79 x 64 x 4 cm



***Sem título***, 2016  
relevo, tinta alquídica sobre acrílico  
62 x 43,5 x 4 cm



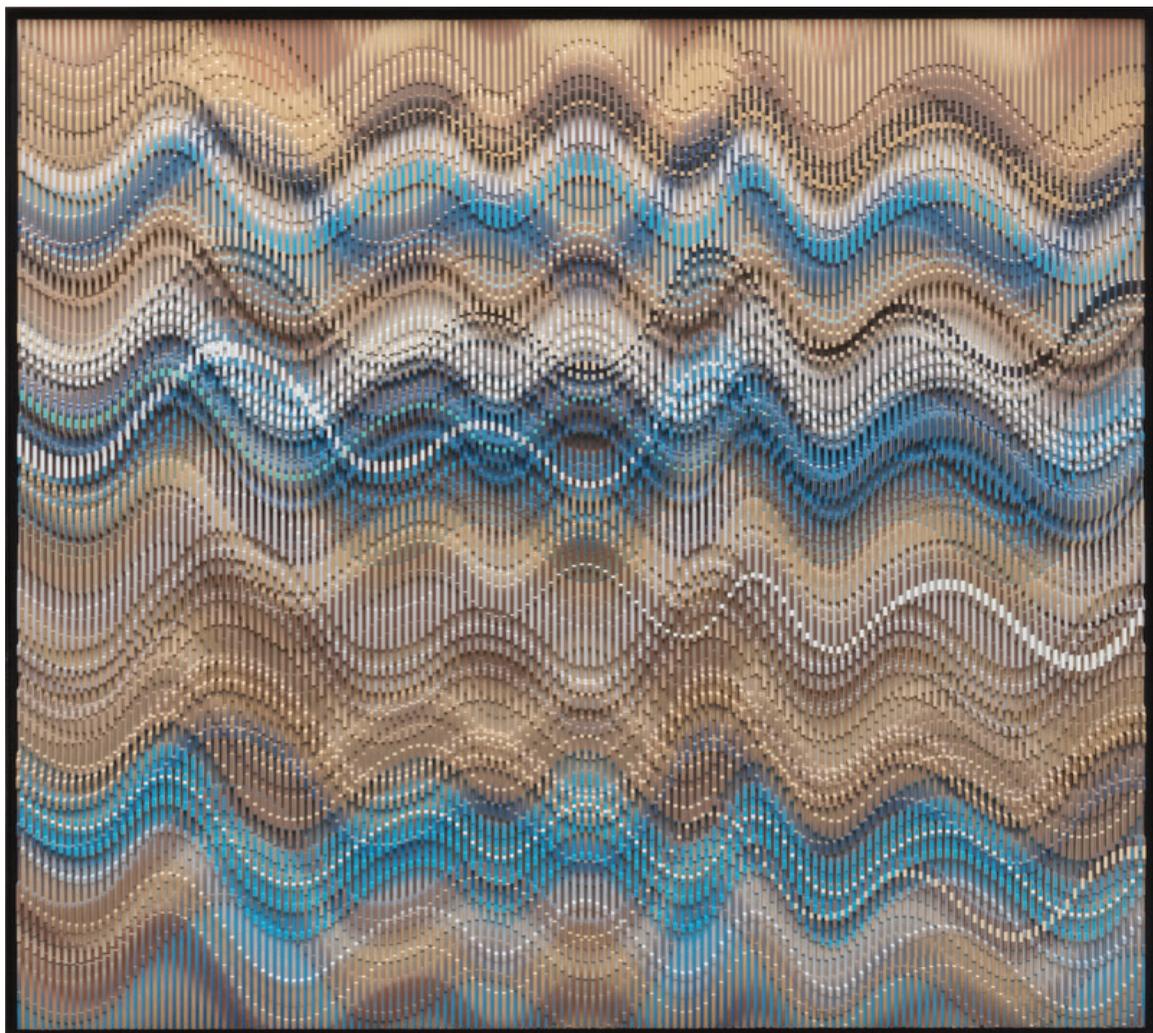
*Sem título*, 2016  
relevo, tinta alquídica sobre acrílico  
69,5 x 60 x 4 cm



*Sem título*, 2017  
relevo, tinta alquídica sobre acrílico  
78,5 x 90,5 x 4 cm



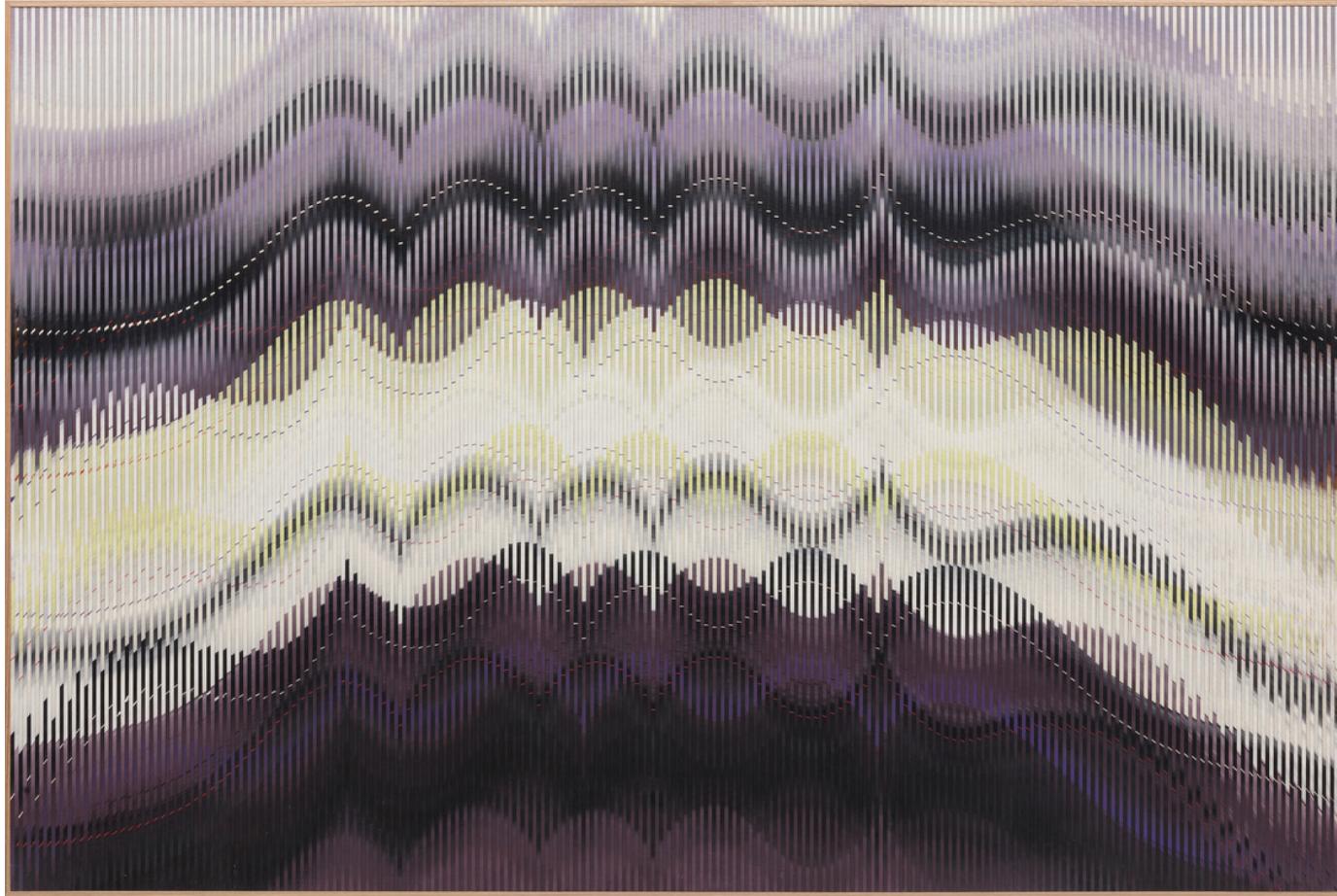
*Sem título*, 2017  
relevo, tinta alquídica sobre acrílico  
83 x 94 x 4 cm



*Sem Título*, 2017  
relevo, tinta alquídica sobre acrílico  
82,5 x 92 x 4 cm



*W-H/9*, 2017  
acrílica sobre madeira  
103 x 164 cm



*W-H/8*, 2017  
acrílica sobre madeira  
106,2 x 166,6 x 4 cm



*Sem título*, 1992  
relevo em madeira  
60 x 70 x 4 cm



***Sem Título***, 1987  
relevo progressivo em cartão duplex e madeira  
67 x 60 cm



***Sem título***, 1976  
placas de poliéster  
94 x 82 x 5 cm

## Ver, Mover

**Luiz Camillo Osorio**

Abraham Palatnik é um inventor incansável. Às vésperas de completar 90 anos ele trabalha diariamente com o rigor e a persistência de um jovem artista. Vê-lo debruçado sobre a grande mesa da sua casa-ateliê, procurando o movimento óptico através de pequenos deslocamentos das paletas coloridas de madeira ou acrílico, já cortadas e fixadas em um plano, chega a ser emocionante. A mão segue firme, o olho implacável. Desde o começo da década de 1950, a relação entre movimento (real ou virtual) e atenção perceptiva é o traço determinante de sua poética.

Seu aparelho *cinecromático*, apresentado na primeira Bienal de São Paulo em 1951, introduziu o movimento através de uma engenhosa composição de luzes, programada para funcionar segundo uma ordem e um ritmo pré-fixados por um pequeno motor. Uma espécie de acaso controlado definia o acender e o apagar das luzes, que criavam efeitos cromáticos na superfície de uma tela que cobria a caixa onde lâmpadas – coloridas à mão àquela época - se instalavam. A denominação deste aparelho de cinecromático, dada por Mario Pedrosa, não poderia ser mais precisa, antecipando o pioneirismo do artista no campo do cinetismo luminoso.

Daí para frente as combinações entre pesquisa de novos materiais, rigor metodológico e delírio perceptivo caminharam de mãos dadas. Foram várias as experimentações, mas sempre esta curiosa combinação de acaso e determinação manteve-se presente. Além disso, a atenção aos detalhes e o cuidado artesanal com o processo produtivo nunca foram abandonados. O desassombro tecnológico, sua facilidade em lidar com máquinas, nunca o afastou do fazer manual. Em uma época de virtualidade compulsiva esta combinação é, a um só tempo, uma lição poética e ética.

São mais de seis décadas de trajetória, a contar da 1ª Bienal, e o artista segue incansável na sua inquietação e no seu rigor construtivo. No último ano, iniciou uma investigação com o acrílico. Há nesta nova empreitada uma genealogia interna interessante. Reconstitui-la é o objetivo desta exposição. Por um lado, mistura a experimentação em relevo realizada anteriormente no papel cartão, por outro, avança na serialização óptico-cinética inaugurada com as progressões em madeira, executadas em poliéster na década de 1970 e, mais recentemente, a partir do começo dos anos 2000, com as ripas de cor em madeira.

O que mais impressiona aqui é sua capacidade de inventar movimentos seguindo a lógica inerente aos materiais. Se nos papéis a cor é sacrificada, na pintura com ripas o movimento

óptico fica mais contido por conta da opacidade do suporte. A tendência é o movimento ficar todo ele na superfície. Com o acrílico, como era o caso no poliéster e nos relevos em papel, por razões distintas, o movimento ganha mais profundidade, fica mais delirante. Tanto o poliéster como o acrílico dão mais transparência à cor, que torna a forma mais vertiginosa e transtornada.

Este destemor em seguir pesquisando novos processos e materiais, não obstante a persistência na composição obsessiva de ritmos visuais, é muito particular à obra de Palatnik. Ela se move sem sobressaltos, germinando desdobramentos inesperados, mas imediatamente articuláveis no interior de sua poética, de sua incansável fenomenologia da percepção. Olhar seus trabalhos é um exercício intelectual aliado ao mais genuíno prazer estético – quanto mais olhamos, mais nos encantamos. Produzir esta espécie de magnetismo, em que ver mais é ver melhor, não deixa de ser uma forma de resistir à desatenção generalizada que nos corrói na atualidade.

**Luiz Camillo Osorio** é Professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, crítico de arte e Curador do Instituto PIPA. Foi curador do MAM-Rio entre 2009 e 2015. Em 2015, foi o curador responsável pelo Pavilhão do Brasil, na Bienal de Veneza e é o curador do 35º Panorama da Arte Brasileira atualmente no MAM-SP. Publicou alguns livros, entre eles Abraham Palatnik, Cosac&Naify, SP, 2004 e Olhar à Margem, SESI-SP e Cosac, 2016.

## sobre **abraham palatnik**

Abraham Palatnik (n. 1928, Natal, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro. As investigações desse pioneiro da arte cinética no Brasil levaram a uma compreensão inédita dos fenômenos visuais. Em 1932, Palatnik mudou-se para Tel Aviv, onde cursou especialização em Motores de Combustão Interna na Montefiore School, além de estudar pintura, desenho e história da arte no Instituto Municipal de Arte. Em 1947, de volta ao Rio de Janeiro, Palatnik passou a visitar o Hospital Psiquiátrico Dom Pedro II, coordenado pela Dra. Nise da Silveira. Ao ver obras de pacientes esquizofrênicos, que apresentavam uma produção excepcional, mesmo sem treinamento artístico prévio, percebeu que sua própria produção era impotente à luz do trabalho daqueles artistas que, em sua maioria, nem sabiam o significado da palavra “arte”. Assim, abandonou o trabalho com pincéis e adotou uma relação mais livre entre forma e cor. O resultado inicial de sua pesquisa, seu primeiro Aparelho Cinecromático – uma escultura de luz motorizada que criava um jogo de luz e sombra no espaço – foi premiado na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. Desde que recebeu uma menção honrosa do júri internacional pela obra Objeto Cinecromático: Azul e Roxo em Primeiro Movimento (Aparelho Cinecromático: Abraham Palatnik -- W-861, 2016 – acrílico sobre madeira -- 70 x 80 x 5 cm Azul e Roxo em Primeiro Movimento, 1951) na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, participou de oito edições da Bienal de São Paulo (entre 1951 e 1963) e da 32ª Bienal de Veneza (1964). Na década de 1950, além de criar aparelhos cinecromáticos e objetos cinéticos, Palatnik mudou de foco, passando a desenvolver composições em cartão e madeira. Por mais de sessenta anos, a prática de Palatnik questionou o tempo, o movimento e a relação do homem com a natureza. Para ele, a função do artista é disciplinar a percepção do caos. Entre suas exposições mais recentes está a retrospectiva “A Reinvenção da Pintura” no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro (2017). A mostra já havia sido apresentada na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre (2015), no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba (2014), no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP (2014) e no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília (2013).

